



**A REDE URBANA DE MATO GROSSO DO SUL NA REGIC:  
CONFIGURAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES EXPRESSADAS POR  
TRÊS LAGOAS (MS)<sup>1</sup>**

**URBAN NETWORK OF MATO GROSSO DO SUL IN THE REGIC:  
CONFIGURATIONS AND TRANSFORMATIONS EXPRESSED BY  
TRES LAGOAS (MS)**

Higor Cirilo da Costa <sup>2</sup>  
Rafaela Fabiana Ribeiro Delcol <sup>3</sup>

**RESUMO**

A linha de pesquisa Regiões de Influência das Cidades, Regic, do IBGE, se desdobra sobre a rede urbana brasileira, hierarquizando-a, e refletindo o nível de integração, os processos produtivos, financeiros e culturais do Brasil. A Regic é, neste trabalho, utilizada como instrumento para compreensão da região em que se insere a cidade de Três Lagoas (MS), principal centro industrial de MS, desde os anos 1990. A região é, nesses marcos, fruto de processos sociais, espaciais, econômicos, e que, longe de ser um dado *a priori*, apresenta-se como um quadro móvel, fazendo-se e desfazendo-se no compasso da acumulação capitalista no espaço. O estudo se apresenta em dois momentos, em que a princípio a rede urbana de Mato Grosso do Sul, comandada por Campo Grande, é analisada e, num segundo momento, analisa-se a evolução de Três Lagoas. Parte-se da compreensão de que é necessária uma análise histórica, para tanto foram utilizadas cinco edições da Regic, bem como estudos sobre a economia e as redes de comunicações de Três Lagoas, utilizando-se de pesquisa bibliográfica e documental. O estudo evidencia que ao longo do período abordado a cidade de Campo Grande ampliou sua influência por todo o estado de Mato Grosso do Sul. Ademais, o processo de industrialização de Três Lagoas perpassa a sua elevação na hierarquia urbana e justifica a sua contínua vinculação às capitais regionais do interior paulista. As alterações qualitativas e quantitativas no processo de industrialização mais recente indicam uma ampliação da influência de Três Lagoas sobre a região.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil e também, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Campus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, [higor.cirilo@ufms.br](mailto:higor.cirilo@ufms.br);

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Campus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Doutora em Geografia, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, [rafaela.delcol@ufms.br](mailto:rafaela.delcol@ufms.br);

**Palavras-chave:** Regic, Rede Urbana, Três Lagoas, Industrialização.

## ABSTRACT

The research initiative "Regions of Influence of Cities" (Regic) by IBGE intricately dissects the Brazilian urban network, offering a hierarchical perspective that mirrors the levels of integration, productivity, financial dynamics, and cultural processes across Brazil. This study employs Regic as a tool to comprehend the contextual nuances of the region housing Três Lagoas (MS), a pivotal industrial hub in Mato Grosso do Sul since the 1990s. Examining this region reveals its formulation as an outcome of social, spatial, and economic processes. Contrary to being a static entity, it emerges as a dynamic framework, constantly shaping and reshaping itself in tandem with the ebb and flow of capitalist accumulation in space. The study unfolds in two phases. Initially, it scrutinizes the urban network of Mato Grosso do Sul, spearheaded by Campo Grande. Subsequently, it delves into the evolution of Três Lagoas. The study firmly asserts the necessity of a historical analysis and draws upon five editions of Regic, alongside literature exploring the economic and communication networks of Três Lagoas, employing bibliographic and documentary research methodologies. The findings reveal that over the covered period, Campo Grande substantially expanded its influence across the entire state of Mato Grosso do Sul. Moreover, the industrialization trajectory of Três Lagoas is interwoven with its ascent in the urban hierarchy, justifying its sustained connections with regional capitals in the interior of São Paulo. Both qualitative and quantitative shifts in the recent industrialization process underscore the widening sphere of influence exerted by Três Lagoas over the region.

**Palavras-chave:** Regic, Urban Network, Três Lagoas, Industrialization.

## INTRODUÇÃO

A linha pesquisa que se estabeleceu no Brasil sob o nome de Regic consolida-se como o principal estudo sobre hierarquia urbana, tendo como “fio condutor” a Teoria dos Fluxos Centrais, de Peter J. Taylor, dentre outros (IBGE, 2020; Moura; Nagamine; Ferreira, 2021). A rede urbana brasileira, representada pela Regic, reflete “em grande medida o nível de integração dos seus sistemas produtivo, financeiro e sociocultural” (Moura; Nagamine; Ferreira, 2021, p. 11).

Elegendo a região como categoria de análise neste trabalho, a Regic apresenta-se como instrumento para compreensão das localidades colocadas em tela. Nesses marcos, os limites da região não são adotados *a priori*, mas são fruto de um processo de análise, da reunião de diversos estudos, que abordam a região não apenas no espaço, mas também no tempo, de modo que os resultados que se desdobram a partir do marco teórico e metodológico escolhido são novas ferramentas para a análise regional.

Em outras palavras, a escolha de cinco diferentes edições da Regic, que percorrem meio século de estudos, coligem para compreensão da influência exercida pela cidade de Três Lagoas no seu entorno. Além das pesquisas do IBGE, a análise dos processos histórico-econômicos que ali acontecem ou se originam, são fundamentais para o estudo, que pode ser um insumo para uma análise regional mais ampliada.

Como objeto empírico desta pesquisa, optou-se pela análise do processo de evolução da cidade de Três Lagoas/MS na Regic, isso porque, a referida cidade, historicamente, passou de uma economia baseada na pecuária para uma economia também urbano-industrial.

A partir de meados da década de 1990, Três Lagoas se apresenta como o principal centro industrial do Mato Grosso do Sul, sobretudo com a chegada das empresas do setor de papel e celulose no município; que mobilizam capital e força de trabalho, articulados agora, com lógicas e processos oriundos de outras escalas, regionais e globais; alterando qualitativamente o espaço, que não se conforma apenas nos limites municipais.

Com a ampliação do processo de industrialização, a cidade de Três Lagoas reforçou sua centralidade no âmbito da rede regional de cidades (Milani, 2009) e teve seu papel ampliado, expandindo sua influência, sobrepondo-se e justapondo-se às cidades de pequeno porte da região, “isso porque conseguiu polarizar não somente mais habitantes, mas também maiores investimentos públicos e privados, que redefiniram a configuração espacial da cidade” (Delcol; Milani, 2022, p. 91).

Nesses marcos, o objetivo deste trabalho é a compreensão da evolução da rede urbana de Mato Grosso do Sul e em especial a trajetória percorrida pela cidade de Três Lagoas e terá como fundamento base os resultados das pesquisas realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), nomeados sumariamente por Moura, Nagamine e Ferreira (2021) como Regic. Os estudos realizados pelo IBGE se iniciam nos anos 1960 e chegam à atualidade sob os nomes *Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas*, realizado em 1966, e a sequência de estudos *Regiões de Influência das Cidades*, realizados em 1978, 1993 e 2018 (Moura; Nagamine; Ferreira, 2021).

Ainda que as diversas versões do estudo tenham passado por ajustes metodológicos e que, por vezes, adote-se nomenclaturas diferentes para os níveis da hierarquia urbana, os estudos podem ser comparados, de acordo com o estudo do Ipea, sendo possível sua interoperabilidade (Moura; Nagamine; Ferreira, 2021).

O estudo atual se desdobra em duas etapas, num primeiro momento a rede urbana de Mato Grosso do Sul será considerada na sua totalidade, e para tanto será analisado, em linhas



gerais como evoluíram a classificação dos atuais 79 municípios do estado. Por outro lado, buscando captar transformações em menor escala, avaliaremos como a cidade de Três Lagoas avançou nos níveis de classificação ao longo dos mais de 50 anos do estudo, compreendendo à quais redes urbanas a cidade se vinculava e traçando hipóteses que deem conta das transformações observadas.

Para a consecução desse estudo, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, acerca das pesquisas de Regiões de Influência das Cidades, sobre a rede de transporte e sobre a dinâmica econômica de Três Lagoas. Como instrumentos de pesquisa, elaborou-se quadros que apresentassem toda a evolução de Três Lagoas, e elaborou-se um mapa-síntese, que representasse a rede urbana de Mato Grosso do Sul, incluindo a cidade de Três Lagoas, ao longo das cinco edições da Regic.

Em linhas gerais, o estudo identificou que a capital do estado ampliou sua influência sobre o território de Mato Grosso Sul, de modo continuado, já que ao longo de todas as edições da Regic têm ampliado o número de centros urbanos subordinados. Isso se coliga com as transformações ocorridas na hierarquia urbana de Três Lagoas, que se elevou na classificação e recentemente vinculou-se à rede comandada por Campo Grande, sem deixar de vincular-se às redes urbanas do interior do estado de São Paulo.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do trabalho consistiu em pesquisa bibliográfica, com enfoque na evolução das pesquisas de Regiões de Influência das Cidades, realizada pelo IBGE, bem como nos conceitos e teorias balizadoras para este estudo. Foram também consultadas bibliografia referente à dinâmica econômica e do sistema de transporte de Três Lagoas e da porção leste de Mato Grosso do Sul. Realizou-se também pesquisa documental, com as informações produzidas por estas pesquisas, de todas as edições (1966, 1978, 1993, 2007 e 2018). As técnicas de pesquisa foram o levantamento bibliográfico, com produção de síntese, bem como procedeu-se com a elaboração de cartas e quadros que sintetizassem a evolução da hierarquia urbana de Mato Grosso do Sul e de Três Lagoas em particular. Nesse sentido, os dados utilizados nesta pesquisa são exclusivamente secundários, em que as principais fontes foram instituições públicas.

Para a elaboração de cartas e quadros, utilizou-se da Tabela 1, que permite a comparação entre as diferentes edições da Regic. A tabela é fruto de uma análise de pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que analisaram todas as edições do estudo e



forneceram elementos que permitissem a interoperabilidade dos dados. Dessa forma, foi possível a realização de produto cartográfico que registre não só a classificação na última Regic de todos os centros urbanos de Mato Grosso do Sul, bem como sua condição ao longo das 5 edições da pesquisa, categorizando-os entre aqueles que oscilaram negativamente ou positivamente, ou que estiveram estáveis ao longo de todas as pesquisas.

**Tabela 1 - Numeração dos níveis e subníveis dos centros para efeito de análise**

Regic 1966	Regic 1978	Regic 1993	Regic 2007	Regic 2018
1a Grande metrópole nacional	1 Metrópole regional	1 Máximo	1a Grande metrópole nacional	1a Grande metrópole nacional
1b Metrópole nacional	–	–	1b Metrópole nacional	1b Metrópole nacional
1c Centro metropolitano regional	–	–	1c Metrópole	1c Metrópole
1d Centro macrorregional	–	–	–	–
2a Centro regional	2a Centro submetropolitano	2a Muito forte	2a Capital regional A	2a Capital regional A
2b Centro regional B	2b Capital regional	2b Forte	2b Capital regional B	2b Capital regional B
–	–	–	2c Capital regional C	2c Capital regional C
3a Centro sub-regional A	3 Centro sub-Regional	3a Forte para médio	3a Centro sub-regional A	3a Centro sub-regional A
3b Centro sub-regional B	–	3b Médio	3b Centro sub-regional B	3b Centro sub-regional B
4a Centro local A	4 Centro de zona	4a Médio para fraco	4a Centro de zona A	4a Centro de zona A
4b Centro local B	–	4b Fraco	4b Centro de zona B	4b Centro de zona B
–	–	–	5 Centro local	5 Centro local

Fonte: Moura, Nagamine e Ferreira (2021).

Com essa informação, foi possível a elaboração de uma tabela que indicasse como e quando houve a elevação de Três Lagoas (MS), na hierarquização urbana, sendo possível comparar as redes urbanas das quais fez parte ao longo de todas as edições da Regic.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra região tem um sentido polissêmico, à medida que é uma categoria de análise da geografia, mas também uma palavra de uso comum no cotidiano, momento no qual, possui conotações diversas. Buscaremos aqui nos apropriarmos daquela concepção de região que é utilizada pela geografia e maneira mais restrita, àquela que é operacionalizada e apropriada pelos Estados.

O processo de institucionalização da geografia, a partir do século XIX, se insere num quadro em que o conhecimento acerca dos lugares era distintivo para a construção ideológica que objetivava a afirmação de nacionalidade. O conhecimento geográfico, nesses marcos, precisava ser sistematizado, em proveito de projetos mais amplos de expansão comercial e do estabelecimento dos impérios.

No Brasil, a estruturação do conhecimento geográfico, em termos modernos, encontrou nos estudos regionais, elementos unificadores da própria geografia, de modo que

O objeto essencial de estudo da Geografia passou a ser a região, um espaço com características físicas e socioculturais homogêneas, fruto de uma história que teceu relações que enraizaram os homens ao território e que particularizou este espaço, fazendo-o distinto dos demais espaços contíguos (Lencioni, 1999, p. 100).

La Blache tem uma concepção de que a região seria a síntese entre aspectos humanos e naturais, o que possibilitaria a unidade entre homem e natureza. Para este autor, era fundamental compreender a diferenciação entre as diferentes porções da terra, bem como compreender como os aspectos mais singulares se articulam no conjunto, compreendendo, assim, a organização do espaço (Lencioni, 1999).

Paul Claval, teria produzido uma síntese do pensamento lablachiano, evidenciando três aspectos: “as regiões se evidenciam na superfície terrestre; [...] as regiões se traduzem na paisagem e nas realidades físicas e culturais e; [...] os agrupamentos humanos tomam consciência da divisão, a nomeiam e a utilizam na criação dos quadros administrativos” (Lencioni, 1999, p. 107).

A Regic é uma das divisões que compõe o “quadro administrativo” em que se insere a cidade de Três Lagoas (MS) e que possibilitam aos indivíduos a tomada de consciência sobre a região. Além desta, comparecem outras regionalizações diversas, tais como a Região Turística da Costa Leste<sup>4</sup>, a Região do Bolsão<sup>5</sup>, as Mesorregião Leste e Microrregião de Três Lagoas, bem como a Região Intermediária de Campo Grande ou Região Imediata de Três Lagoas<sup>6</sup>. Como buscaremos apontar, em relação à Regic, esse quadro administrativo é móvel e estando ainda ocorrendo mudanças, em que com exceção da Região Intermediária de Campo Grande, Três Lagoas é a principal cidade destas regiões.

---

<sup>4</sup> Nome utilizado pela Fundação de Turismo de Mato Grosso para um conjunto de municípios localizados na margem esquerda da Rio Paraná, no leste de Mato Grosso do Sul.

<sup>5</sup> Uma das nove Regiões de Planejamento do Estado de Mato Grosso do Sul, definidas pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e de Desenvolvimento Econômico de MS.

<sup>6</sup> As últimas quatro divisões regionais são produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com base em Mackinder, La Blache nomeia de região nodal, aquelas que formam uma unidade em seu entorno e nesse cenário, é a cidade quem cria a região, que são dinâmicas, se formam e se dissolvem. Delimitar os limites dessa região seria menos importante do concebê-la como uma “espécie de auréola, cujos limites não são bem determinados” (Lencioni, 1999, p. 108).

Tal como para La Blache, para Hettner, o objeto da geografia seria a diferenciação da superfície da terra, e nesses marcos, que deveria ser compreendida como uma totalidade. Poderemos, por outro lado, que a região seria uma outra totalidade, mas aberta, que faria parte da totalidade mais ampla.

Nos marcos da Geografia Ativa, o espaço poderia ser organizado a partir do planejamento urbano e região, e para os geógrafos desta corrente

A análise da sociedade, cada vez mais urbana e metropolitana, traduziu-se na ideia do espaço como um campo de ação de fluxos. Entendiam que esses fluxos, ao confluírem para uma determinada cidade, acabavam transformando-a num polo regional. Como consequência, os geógrafos, vinculados à perspectiva da Geografia Ativa, consideraram que a região se define pela dinâmica dos fluxos espaciais. Nesse sentido, a região se coloca como uma área sob o raio de ação de uma cidade. (Lencioni, 1999, p. 141).

A noção região, nestes termos indicada, se confundiria com a da própria rede urbana, em que urbanização, industrialização e centralização seriam aspectos importantes, para a geografia segunda metade do século XX. B. Kayser e P. George, ainda indicam parâmetros que definiram uma região, que seria a existência de laços entre seus habitantes, estar organizada em torno de um centro e fazer parte de um conjunto (Lencioni, 1999).

A região é, então, compreendida como uma totalidade e está contida numa totalidade ainda maior. Evidencia-se, assim, que os processos sociais são colocados ao lado dos processos “puramente espaciais” na definição da região, refletindo novas maneiras de se compreender a sociedade e o espaço.

Essa é a posição que se observa a partir da Geografia Radical, que compreende o espaço como produto social, e que, menos importante do que analisar os padrões espaciais, seria atestar a pertinência de tais padrões. Portanto, além de examinar como ocorrem e como são os processos que se desdobram no espaço, cabe investigar os interesses envolvidos nestes processos que se relacionam com a produção do espaço.

Nesse sentido, a análise urbana da cidade capitalista, encontra na história uma referência central. Felix Damette é contundente ao afirmar que a análise histórica é essencial para a

compreensão de determinada organização do espaço, pois os processos ali presentes, poderiam ser explicados em outros momentos históricos, ou seja, com o passado, busca-se a compreensão do presente (Lencioni, 1999). Para este autor,

a região representa um espaço que tem certa coerência interna, que se dissolve por meio do que ele denomina de processo de regionalização-desregionalizaçãp. A seu ver, este processo é produto do desenvolvimento da concentração capitalista, quer nacional ou internacional, que conduz a uma tendência crescente de desregionalização das relações econômicas (Lencioni, 1999, p. 164).

Assim, reforça-se que a região é parte de uma totalidade, mas uma totalidade histórica. Portanto, mais que compreender os resultados da última pesquisa Regic, é preciso acrescentar uma perspectiva histórica, e inserir a cidade em questão nos processos mais gerais do desenvolvimento capitalista, o que é parcialmente realizado ao nos debruçarmos sobre o processo de industrialização de Três Lagoas.

O sociólogo Francisco de Oliveira traz uma contribuição importante para os estudos regionais, tendo vista que o autor compreende que na região é onde ocorre a reprodução do capital de maneira particular, que engendra formas específicas de lutas de classes. Desta forma,

A região se coloca [...] como uma dimensão particular do processo de valorização do capital. Em face do processo de homogeneizador do capitalismo, com o objetivo de extrair, relativamente, maior riqueza social, Oliveira afirma que a mobilidade espacial do capital faz com que os espaços tendam a uma homogeneização (Lencioni, 1999, p. 171).

Destarte das compreensões acerca do trabalho de Oliveira que vislumbraria, a partir dele, o desaparecimento da região, compreende-se que o processo de valorização do capital (re)modela as regiões em que se insere. Nesses marcos, os processos anteriormente citados, regionalização-desregionalização, encontram na valorização do capital um elemento propulsor.

Ao passo que a globalização se traduz em expansão e movimento da reprodução de capital, a atividade industrial, é também reestruturada, alcançando novas porções do território, e assim,

A desconcentração produtiva e a expansão do sistema financeiro, constituindo-se um único mercado mundial de valores e crédito, inscrevem a hegemonia dos fluxos imateriais em várias direções e sentidos, em que as sedes supranacionais das empresas se situam em algumas metrópoles, as chamadas cidades globais, e regionalizam o comando da acumulação mundial (Lencioni, 1999, p. 178).

A desconcentração produtiva, nestes termos, pode ser observada em paralelo a um processo de centralização de capital. Em outros termos, se a produção ocorre em uma porção

mais ampliada do território, os nós que articulam essa produção, ou as cidades globais, mantêm os fluxos em direção ao mercado mundial. Se a cidade faz a região, a compreensão da hierarquização urbana é fundamental para delinear fluxos e processos de acumulação de capital em que a região se insere.

A região, por fim, pode ser compreendida como uma escala intermediária entre o local e o global. Corrêa (1995), em alusão à Lukacs, vincula região à ideia de particularidade, ou seja, uma mediação entre o universal (processos gerais, oriundos da globalização) e o singular, à qual ele vincula a categoria de lugar.

Haveria, portanto, uma tradução das particularidades dos processos globais do modo produção capitalista, captados através da região. Esta, por sua vez, não seria mais dotada de autonomia, em contraponto concepções anteriores de região. Neste momento, portanto, “o regional pode se reabilitar frente ao global, como particularidade da globalização e, assim, a própria noção de região também se reabilita” (Lencioni, 1999, p. 194).

Assim, a compreensão das regiões de influência decorrentes das pesquisas do IBGE, nos fornecem elementos para o processo de regionalização. A região não teria existência *a priori*, uma existência autônoma, seria concebida, por outro lado, a partir das relações, fenômenos e processos elegidos pelo pesquisador no processo de regionalização. Nesses marcos, esse processo, requer e prescinde um conjunto de informações e pesquisas, de modo que os resultados apresentados a seguir, se constituem uma etapa da delimitação de uma região em particular.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De modo geral, desde o estudo de 1966, do IBGE, todas cidades do Mato Grosso do Sul se vinculavam na hierarquia máxima da Regic à São Paulo, hoje classificada como Grande Metrópole Nacional (nível 1a<sup>7</sup>) (IBGE, 1972, 1987, 2000, 2008, 2020). Entretanto, uma observação mais acurada percebe que as ligações entre os centros urbanos do estado e a Cidade de São Paulo, passou, em algumas regiões do estado e em algumas pesquisas, por capitais regionais fora dos limites do Mato Grosso do Sul. É notável, então, que diversas cidades do estado, permaneceram por anos sem uma vinculação à capital do estado, Campo Grande.

---

<sup>7</sup> A numeração dos níveis doravante utilizados, são aqueles indicados na Tabela 1, oriundos do estudo do Ipea que nos indica a possibilidade de comparação entre as diferentes edições da Regic (Moura; Nagamine; Ferreira, 2021).



Antes mesmo da emancipação de Mato Grosso do Sul, a Regic 1966 registra que Campo Grande já polarizava quase a totalidade do então sul de Mato Grosso, a exceção é toda porção leste desta região (IBGE, 1972). Até a Regic 1978, Campo Grande também subordinava algumas cidades pantaneiras, por meio de Corumbá, a qual era vinculada às cidades por navegação fluvial (IBGE, 1972, 1987). Na Regic de 1966, Corumbá (nível 4a) estava vinculada à Campo Grande e subordinava os municípios de Ladário e Porto Murtinho, localizados atualmente em Mato Grosso do Sul e os municípios de Barão de Melgaço, Cáceres, Mato Grosso<sup>8</sup> e Poconé, localizados atualmente no estado de Mato Grosso (IBGE, 1972). Na Regic de 1978, das cidades localizadas atualmente em Mato Grosso, apenas Cáceres, Mirassol d'Oeste e Mato Grosso ainda eram vinculadas à Corumbá, cidade que se elevou, neste estudo para o nível 3.

A cidade Ladário atualmente compõe o Arranjo Populacional Internacional de Corumbá/Brasil e a cidade de Porto Murtinho (MS) está subordinada diretamente à Campo Grande, indicando a tendência de Campo Grande se conectar com os centros locais diretamente, sem passar por centros urbanos intermediários. As cidades citadas que ainda fazem parte do estado de Mato Grosso, na última Regic (2018), fazem parte da rede urbana comandada pelo AP Cuiabá (MT), uma Capital Regional A (nível 2a), que está vincula ao AP Brasília (DF), uma Metrópole Nacional (nível 1b) (IBGE, 2020). Além do próprio processo de divisão do estado de Mato Grosso, ocorrido em 1977, alterações nas redes de transporte, sobretudo com a ampliação e melhoria da rede rodoviária ao longo desse período subjazem a transformação da rede urbana comandada por Corumbá, que atualmente não vincula nenhuma cidade fora do seu arranjo populacional.

Campo Grande mantém o mesmo nível de classificação em todas as Regic, 2a, atualmente chamada de Capital Regional A e desde a primeira pesquisa esteve subordinada à capital do estado de São Paulo, denotando estabilidade ao longo de todas as Regic, como evidencia a Figura 1. Fria-se que atualmente Campo Grande é a única capital de estado subordinada à AP São Paulo (IBGE, 2020).

Ao longo dos mais de 50 anos de pesquisas Regic, a atual capital de Mato Grosso do Sul tem solidificado e ampliado a sua região de influência. São notáveis duas tendências na evolução da hierarquia urbana comandada pela cidade: de um lado, Campo Grande passa a

---

<sup>8</sup> Atualmente o município chama-se Vila Bela da Santíssima Trindade, como dispôs a Lei Estadual nº 4.014, de 29 de novembro de 1978. Esta foi a primeira capital do estado de Mato Grosso, até a transferência para Cuiabá, em 1835.



subordinar (mesmo que de maneira compartilhada) cidades da porção leste que anteriormente se vinculavam à capitais regionais do interior de São Paulo, majoritariamente São José do Rio Preto e secundariamente Araçatuba, como é o caso de Três Lagoas (MS); por outro lado, ramos tem sido cortados no desenho da rede urbana. Em outras palavras, centros urbanos que se vinculavam à Campo Grande por meio de centros intermediários na hierarquia urbana, agora se vinculam diretamente à capital de Mato Grosso do Sul.

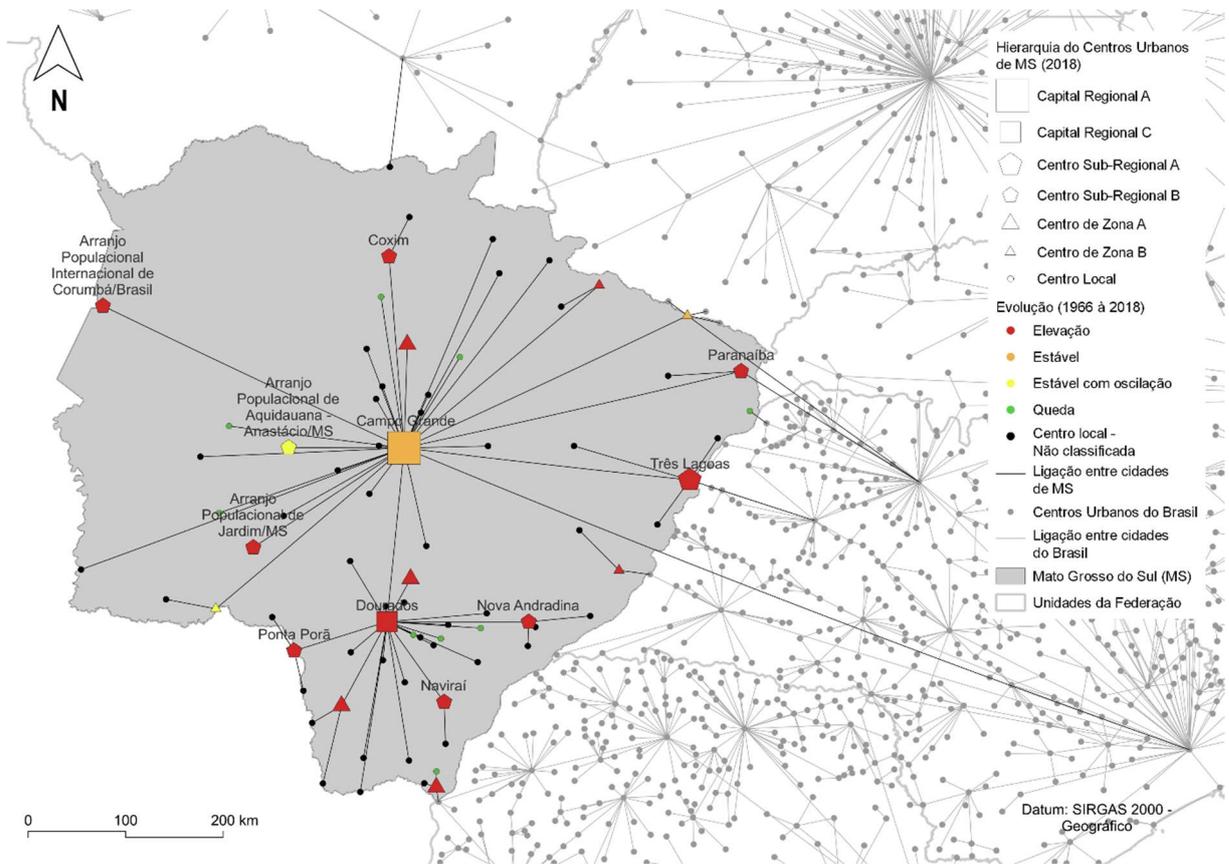
A rede urbana comandada por essa cidade, atualmente, tem a forma de raios de sol, saindo do centro do estado e alcançando quase a totalidade do estado, como pode ser observado na Figura 1. Há duas exceções nesse padrão: a rede urbana comandada por Dourados (MS), que é bastante segmentada e se configura como uma subunidade com centros urbanos de hierarquia intermediária e centros locais e; um número pequeno de municípios nas fronteiras estaduais que se vinculam à centros urbanos de outros estados, sem se vincularem à Campo Grande.

Este é o caso de Aparecida do Taboado (MS), que passou por uma queda na classificação ao longo das Regic e atualmente é um centro local (nível 5), que através do AP Santa Fé do Sul (SP) (Centro de Zona A, nível 4a), se vincula à Capital Regional B, AP São José do Rio Preto (SP). Essa é a única cidade da porção leste de Mato Grosso do Sul que mantém vinculada apenas às capitais regionais do interior de São Paulo, o que fora predominante nesta parte do Mato Grosso do Sul ao longo das primeiras Regic. De maneira inversa, a cidade de Cassilândia (MS), um Centro de Zona B (nível 4b), que é subordinada paralelamente às capitais regionais Campo Grande (MS) e AP São José do Rio Preto (SP), comanda um grupo de centros locais (nível 5) do sudoeste goiano, Aporé, Itajá e Lagoa Santa, sendo o único caso em que um centro urbano de Mato Grosso do Sul polariza cidades fora dos limites estaduais.

Bataguassu (MS) e Santa Rita do Pardo (MS), também se vinculam à uma capital regional no interior de São Paulo, AP Presidente Prudente e não se vinculam, nos termos da Regic, à Campo Grande (MS). No extremo norte de Mato Grosso do Sul, Sonora, um centro local, vincula-se à Capital Regional C Rondonópolis (MT) (nível 2c), que fazem parte da rede urbana comandada pelo AP Cuiabá (MT), citada anteriormente. O último caso ocorre do extremo sul de Mato Grosso do Sul, com Mundo Novo (Centro de Zona A, nível 4a), que subordina os centros locais de Eldorado (MS) e Japorã (MS) e que está vinculado à rede urbana paranaense, às cidades de Guaíra (PR) (Centro sub-regional B), Umuarama (PR) (Centro sub-regional A), que se vinculam à Capital Regional A, AP Maringá (PR), que fazem parte, no primeiro nível da hierquização da rede urbana ao AP Curitiba (PR), um metrópole (nível 1c), numa rede urbana bastante segmentada.



Figura 1 - Evolução da hierarquização da rede urbana de Mato Grosso do Sul



Fonte: IBGE (2020) e Moura, Nagamine e Ferreira (2021).

Se uma grande parcela dos centros urbanos que viriam fazer parte do estado de Mato Grosso do Sul, na sua criação, em 1977, já eram vinculadas à Campo Grande (e antes disso), como citado anteriormente, esta não era a realidade de toda a porção leste do estado. Ao menos nas Regic de 1966, 1978 e 1993, um conjunto de municípios eram vinculados a capitais regionais do noroeste paulista, o que seria alterado somente na Regic 2007. Os centros urbanos da região com maior classificação na última Regic (2018), Três Lagoas (Centro sub-regional A, nível 3a), Paranaíba (Centro sub-regional B, nível 3b) e Cassilândia (Centro de zona B, nível 3b) e seus centros locais subordinados, vinculavam-se, até 2007, às capitais regionais do interior paulista, Araçatuba (Capital regional C, nível 2c) e AP São José do Rio Preto (Capital Regional B, nível 2b)<sup>9</sup> e não apresentavam conexão com Campo Grande.

<sup>9</sup> A relação entre essas duas capitais regionais do interior de São Paulo poderá ser observada com melhor detalhe na Tabela 2, que abordará a evolução de Três Lagoas.



Esses centros urbanos passaram, em conjunto, por processos semelhantes, pois somente com a Regic 2007<sup>10</sup> passaram a se vincular à Campo Grande (MS). Existem múltiplos fatores que poderiam ser atribuídos a essa mudança, dentre eles destacamos dois: de um lado a rede de transportes sul-mato-grossense, que faz a conexão entre essas cidades do leste do Mato Grosso do Sul e a capital do estado, estava em implantação nos anos 1980 e 1990; por outro lado, somente na Regic 2007 a gestão pública (que integra a gestão do território) foi incluída como um critério na definição dos nós da rede urbana brasileira.

Nesse quadro, o caso de Três Lagoas (MS) é elucidativo para vislumbrar as transformações ocorridas na porção leste de Mato Grosso do Sul, além de nos fornecer elementos para compreender as motivações de sua elevação na hierarquização urbana expressada na Regic. A Tabela 2 retoma as cinco edições da Regic e apresenta como Três Lagoas (MS) se posicionou em todos os estudos. Nesta tabela manteve-se a nomenclatura para as categorias de centros urbanos, mas utilizou-se os níveis indicados na Tabela 1 (elaborada por pesquisadores do Ipea), para fins de análise e comparação.

Ao longo de todas as edições da Regic, Três Lagoas (MS) sempre se vinculou, no topo da hierarquia urbana, à São Paulo, tal como ocorreu com Campo Grande (MS), ainda que as capitais regionais ou centros intermédios que faziam essa ligação tenham se alterado, ao longo das pesquisas.

Nas Regic 1966 e 1978, Três Lagoas (nível 4) se subordinava à Andradina (nível 3a e 3, respectivamente), que era, por sua vez, vinculada à Araçatuba (nível 2b e 2, respectivamente), ligada diretamente à metrópole paulista (IBGE, 1972, 1987). Já na Regic 1993, Três Lagoas tem uma elevação no nível da hierarquia urbana, subindo para o nível 3b (médio), e então deixa de ser subordinada à Andradina (que mantém a mesma classificação) e vincula-se à duas redes urbanas, em paralelo, de Araçatuba (3a) e São José do Rio Preto (2a) (IBGE, 2000).

Cumprido destacar que Campo Grande (MS), Três Lagoas (MS), Andradina (SP) e Araçatuba (SP) fazem parte do traçado da antiga Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB) – instalada em Três Lagoas em 1910 –, que propunha-se conectar Corumbá (MS), na margem esquerda do Rio Paraguai à Bauru (SP), interior de São Paulo, em que a ferrovia se conecta com a malha ferroviária paulista.

---

<sup>10</sup> À rigor, todos esses centros urbanos, em 2007, passaram a se vincular exclusivamente à Campo Grande, o que foi parcialmente revertido na Regic 2018, em que a vinculação às capitais regionais no interior paulista e à Campo Grande ocorreram em paralelo e nesta ordem. Atribuímos a isso ajustes metodológicos entre essas duas edições da pesquisa Regic, o que é parcialmente indicado por Moura, Nagamine e Ferreira (2021).



Outro elemento importante que demonstra a forte vinculação de Três Lagoas aos municípios do estado de São Paulo à época, foi a construção da Usina Hidrelétrica de Jupuíá em 1964, pois a referida usina, integrava o “Complexo Urupugangá”, que de acordo com Lima (2013, p.1),

objetivava a construção da Usina Jupuíá no Rio Paraná, a Usina de Ilha Solteira, localizada também no Rio Paraná e por fim a Usina Três Irmãos, localizada no Rio Tietê. A construção desse complexo é considerado um marco do desenvolvimento tecnológico na construção de grandes usinas, merecendo destaque a instalação, durante a obra, de centros de pesquisa como os laboratórios de Hidráulica e de Solos e Concreto. Assim, a partir da implantação desse complexo as cidades citadas passaram por processos de transformação e crescimento socioespacial, e após o término das construções, em 1974, várias instalações usadas como moradias e escritórios continuaram sendo utilizados, assim como as praias artificiais que resultaram dos represamentos feitos na região.

A construção da usina Jupuíá, além de reforçar a conexão de Três Lagoas aos municípios do estado de São Paulo, permite identificar o segundo momento histórico/econômico de destaque em Três Lagoas (Delcol; Milani, 2022) que após a construção da Ferrovia no município, vai desencadear em um aumento demográfico expressivo, no qual a população de Três Lagoas saltou de 24.482 pessoas, em 1960, para 55.543, em 1970, duplicando o contingente populacional, com um acréscimo de mais de 30.000 habitantes, em apenas uma década.



**Tabela 2 - Evolução de Três Lagoas ao longo de todas as edições da Regic**

Número do nível <sup>1</sup>	1966	1978	1993		2007	2018	
1a	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)		São Paulo (SP)	AP São Paulo (SP)	
	1a Grande metrópole nacional	1 Metrópole regional	1 Máximo		1a Grande metrópole nacional	1a Grande metrópole nacional	
2a	-	-	-	São José do Rio Preto (SP)	Campo Grande (MS)	-	Campo Grande (MS)
				2a Muito forte	2a Capital regional A		2a Capital regional A
2b	Araçatuba (SP)	Araçatuba (SP)	-	-	-	AP São José do Rio Preto (SP)	-
	2b Centro regional B	2b Capital regional					2b Capital regional B
2c	-	-	-	-	-	Araçatuba (SP)	-
						2c Capital regional C	
3a	Andradina (SP)	Andradina (SP)	Araçatuba (SP)	-	-	<b>Três Lagoas (MS)</b>	
	3a Centro sub-regional A	3 Centro sub-regional	3a Forte para médio			3a Centro sub-regional A	
3b	-	-	<b>Três Lagoas (MS)</b>		-	-	
			3b Médio				
4a	<b>Três Lagoas (MT)<sup>2</sup></b>	<b>Três Lagoas (MS)</b>	-		<b>Três Lagoas (MS)</b>	-	
	4a Centro local A	4 Centro de zona			4a Centro de zona A		
5 ou Município	Água Clara (MT) <sup>2</sup> Brasilândia (MT) <sup>2</sup> Inocência (MT) <sup>2</sup>	Água Clara (MS) Brasilândia (MS) Inocência (MS) <sup>3</sup>	Água Clara (MS) Brasilândia (MS) <sup>4</sup> Inocência (MS) <sup>5</sup> Santa Rita do Pardo (MS) Selvíria (MS)		Água Clara (MS) Brasilândia (MS) Selvíria (MS) <sup>6</sup>	Água Clara (MS) Brasilândia (MS) Selvíria (MS)	
	Municípios	Municípios subordinados	Muito Fraco		5 Centro local	5 Centro local	

<sup>1</sup> Não são apresentados os níveis 1b, 1c e 1d e 4b pois não houve classificação a eles vinculados à Três Lagoas.

<sup>2</sup> Na data desta Regic o estado de Mato Grosso do Sul não havia sido criado, de modo que estas cidades faziam parte, a rigor, de Mato Grosso.

<sup>3</sup> Nessa pesquisa, Inocência era subordinada também à Paranaíba (3 Centro sub-regional) e Aparecida do Taboado (4 Centro de zona).

<sup>4</sup> Nessa pesquisa, Brasilândia era subordinada também à Presidente Prudente.

<sup>5</sup> Nessa pesquisa, Inocência era subordinada também à Cassilândia e Paranaíba.

<sup>6</sup> Nessa pesquisa, Selvíria era subordinada também à Ilha Solteira.

Fonte: IBGE (1972, 1987, 2000, 2008, 2020).

A vinculação de Três Lagoas às cidades do estado de São Paulo é reforçada pelo processo de industrialização, que ocorre desde os anos 1990, que segundo Cristóvão H. Ribeiro da Silva



(2014) é um desdobramento do processo de desconcentração produtiva irradiada da cidade de São Paulo, que “cruza” o rio Paraná e dota o território dessa cidade de um parque industrial em expansão. Cumprido reforça que desconcentração não se traduz em descentralização do capital, ao contrário, as funções de comando da metrópole paulista são reforçadas. As rugosidades presentes no território, sobretudo a rede de transportes e energia, bem como uma rede de ensino superior impulsionam esse processo. Nesses marcos,

com a intensificação do processo de industrialização, a cidade pesquisada [Três Lagoas] reforçou sua centralidade no escopo da rede regional de cidades, teve seu papel central ampliado, estendendo sua influência, sobrepondo-se e justapondo-se às pequenas cidades da região (Delcol; Milani, 2022, p. 91).

Ademais, em meados dos anos 1990 e início dos anos 2000, empresas do setor de papel e celulose impulsionaram o processo de industrialização da cidade, de modo que em 2006 foi anunciado o primeiro complexo industrial da Votorantim Celulose Papel (VCP) e International Paper (IP)<sup>11</sup>. Em 2012, outro complexo industrial de papel e celulose foi concluído, a Eldorado Brasil.

A década de 2000 foi marcada por um aumento da taxa de crescimento anual da população, o que se aprofundaria na década seguinte, como pode ser observado na Tabela 3.

**Tabela 3 - Taxa de Crescimento Anual de Três Lagoas, Campo Grande e do estado de Mato Grosso do Sul**

Período	Taxa de Crescimento Anual		
	Três Lagoas (MS)	Campo Grande (MS)	Mato Grosso do Sul
1940/1950	1,97%	4,93%	2,63%
1950/1960	2,67%	2,59%	6,48%
1960/1970	8,50%	6,71%	5,72%
1970/1980	0,73%	7,60%	3,32%
1980/1991	1,23%	5,51%	2,19%
1991/2000	1,67%	2,64%	1,73%
2000/2010	2,58%	1,72%	1,67%
2010/2022	2,18%	1,11%	0,99%

Fonte: Delcol e Milani (2022), PLANURB (2023) e Séries Históricas do Censo Demográfico (IBGE, 2023a).

O que se vislumbra, portanto, é uma intensa dinâmica demográfica em Três Lagoas, que ocorre em paralelo ao processo de industrialização. A população do município saltou de 68.126, em 1991, para 132.152, em 2022, segundo dados censitários (Delcol; Milani, 2022; IBGE,

<sup>11</sup> Atual complexo pertence à empresa Suzano Papel e Celulose.

2023b). Isso significa um acréscimo de 64.026 pessoas no período de 31 anos, ou seja, a população do município quase duplicou no período abordado. O aumento da população ocorreu através da acentuação do êxodo rural, como também da migração de trabalhadores oriundas das cidades circunvizinhas e de outras localidades, que chegaram à Três Lagoas (MS) em busca de trabalho (Delcol; Milani, 2022).

A Regic 2007 traz uma inovação metodológica ao acrescentar a função de gestão do território (gestão pública e gestão privada) como delineador de nós da rede urbana e, é nessa transformação que situamos a mudança apresentada para Três Lagoas nessa pesquisa.

Na pesquisa [Regic] de 2007, a função de gestão pública e empresarial do território passa a ser central nessas etapas, pois estabelece relações de controle, decisão e comando entre centros urbanos, demarcando, os nós das redes hierárquicas que influenciam os demais centros. Do total de 5.567 municípios existentes em 2007, 1.082 foram identificados segundo o critério de gestão, sendo 906 centros de gestão federal e 724 de gestão empresarial, e desses, 711 foram definidos como centros de gestão do território (Moura; Nagamine; Ferreira, 2021, p. 20).

De acordo com a Regic 2007, Três Lagoas teria oscilado negativamente para Centro de Zona A (4a) e, se vincularia diretamente e exclusivamente à Campo Grande, uma Capital Regional A (2a), deixando de se vincular às cidades do interior de São Paulo.

Essa mudança foi parcialmente revertida na Regic 2018, em que Três Lagoas passa a se vincular à duas redes urbanas, a de Campo Grande, por um lado, e a de Araçatuba (SP) e São José do Rio Preto (SP), de outro, reforçando a conexão de Três Lagoas com o estado de São Paulo, como pode ser observado na Tabela 2. Sugere-se, nesse sentido, que a vinculação de Três Lagoas (MS) à Campo Grande (MS) seja fruto das alterações metodológicas na Regic, iniciadas em 2007, e que traz a gestão pública como um elemento definidor da rede urbana.

Por outro lado, é sensível que a última Regic registre parte da dinamicidade da industrialização de Três Lagoas (MS), sob a alcunha da gestão empresarial, pois a cidade é classificada como um centro de gestão do território, de modo que na gestão empresarial a cidade tem a mesma classificação que Dourados, abaixo apenas de Campo Grande. Enquanto Três Lagoas, na hierarquização urbana, tem uma classificação de Centro sub-regional A (nível 3a), Dourados é classificada como Capital Regional C (nível 2c).

Três Lagoas (MS), portanto, destaca-se na gestão empresarial, de modo que o complexo de celulose e papel alcança atualmente a cifra de 5 milhões de toneladas produzidas por ano, tendo como o principal destino a exportação. A indústria da celulose demarca um novo estágio da industrialização, concentrado em Três Lagoas (MS), deixando para futuras pesquisas a



investigação de qual o nível de integração do mercado de trabalho de Três Lagoas e das cidades do seu entorno.

O que se vislumbra, com a territorialização da indústria da celulose e papel em Três Lagoas, é o (re)modelamento da região em que a cidade está inserida, para a valorização do capital, mais especificamente, deste tipo de indústria, que homogeneiza a região, buscando uma maior extração da valor. Três Lagoas (MS) é, nesses marcos, um nó dos fluxos de bens e mercadorias que partem desta porção de Mato Grosso do Sul, de modo que a hierarquização urbana oferecida pelas Regic nos dão indícios para melhor compreensão desses fluxos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As transformações na rede urbana de Mato Grosso do Sul, captadas ao longo das diversas Regic, dão ênfase ao crescimento e consolidação da capital como o principal centro urbano do estado, ou como mediador entre os centros locais e a metrópole. Ao longo dos 52 anos de Regic, percebeu-se que Campo Grande tem se “espalhado” pelo território de Mato Grosso do Sul, por vezes, rompendo os vínculos entre Centros Locais e centros intermediários e subordinando diretamente cidades do menor nível da hierarquia urbana.

A cidade de Três Lagoas (MS), por um lado, passou a se vincular a rede de Campo Grande, que sugerimos que tem na gestão do território, mais especificamente na gestão pública, o maior elemento de conexão. Por outro, a cidade mantém as conexões com as redes urbanas do interior de São Paulo, indicando que os processos socioespaciais que propiciaram a industrialização de Três Lagoas ainda não se encerraram. Ademais, o atual processo de acumulação capitalista, globalizado, tende a reforçar as conexões de Três Lagoas com a grande metrópole nacional, São Paulo, que centraliza o comando das atividades anteriormente desconcentradas.

A intensificação e mudanças qualitativas na industrialização do município perpassam elevação de sua classificação, expressada na última Regic, de modo que a cidade tem a terceira maior hierarquia urbana do estado. Ademais, o grande fluxo migratório que a cidade recebeu desde o início deste processo, representado nas altas taxas geométricas de crescimento é uma importante evidência da dinamicidade socioespacial de Três Lagoas (MS), nos termos aprestados por Delcol e Milani (2022).

Os processos ensejados pela atividade produtiva no município, a dinâmica demográfica, seu despontamento como centro de ensino superior e como nodal de transporte aponta para um



maior reforçamento de seu papel de comando regional, por um lado, e por outro, pode reforçar os nexos com a Grande Metrópole Nacional, que é sede das grandes indústrias instaladas no município.

## REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Roberto Lobato. Região: a tradição geográfica. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 57, n. 3, 1995. Disponível em: <https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/1560>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- DELCOL, Rafaela Fabiana Ribeiro; MILANI, Patricia Helena. A produção do espaço urbano em Três Lagoas – MS com base na dinâmica demográfica. **GEOGRAFIA (Londrina)**, v. 31, n. 2, p. 87–106, 3 jul. 2022. DOI 10.5433/2447-1747.2022v31n2p87. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/45251>. Acesso em: 18 out. 2023.
- IBGE. **Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1972.
- IBGE. **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.
- IBGE. **Regiões de influência das cidades 1993**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- IBGE. **Regiões de influência das cidades: 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=240677>. Acesso em: 7 jun. 2022.
- IBGE. **Regiões de influência das cidades: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>. Acesso em: 7 jun. 2022.
- IBGE. Censo Demográfico. Séries Históricas. 2023a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html?=&t=series-historicas>. Acesso em: 9 nov. 2023.
- IBGE. **Cidades@**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 1999. (Acadêmica, 25).
- MOURA, Rosa; NAGAMINE, Liria; FERREIRA, Gustavo. **Região: trajetória, variações e hierarquia em 2018**. Brasília; Rio de Janeiro: Ipea, 2021. (Texto para discussão, 2666). Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10652/1/td\\_2666.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10652/1/td_2666.pdf). Acesso em: 7 jun. 2022.
- PLANURB. **Perfil Socioeconômico de Campo Grande - 2023**. 30. ed. Campo Grande: PLANURB, 2023. Disponível em: <https://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/perfil-socioeconomico-de-campo-grande-edicoes/>. Acesso em: 9 nov. 2023.



XV  
ENAN  
PEGE

ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA EM GEOGRAFIA

RIBEIRO DA SILVA, Cristóvão Henrique. **Domínios industriais: as novas dimensões territoriais da industrialização de Três Lagoas-MS (Brasil).** [S. l.]: Novas Edições Acadêmicas, 2014.